

## **Entrevista de Édson Raymundo Pinheiro de Sousa Franco**

Édson Raymundo: Meu nome é Édson Raymundo Pinheiro de Sousa Franco, Raymundo por causa de São Raymundo que a minha mãe não tinha possibilidade muito de fazer uma gestação, teve dificuldade muito grande e uma primeira gestação que ela teve uma irmã suposta minha morreu no prato. Então ela ficou muito traumatizada com isso e fez uma promessa para São Raymundo que nascesse um o homem ele seria Raymundo; então o meu é Édson Raymundo é por causa disso. Fui filho único, isso não é boa coisa! E me comprometi muito que quando eu me cassasse eu teria muitos filhos. Alias fiz uma poção promessas, uma delas, é que a minha mãe queria que eu comesse, eu era muito magrinho, muito raquítico e não aceitava comer. Depois disso eu fiz uma promessa comigo mesmo, para os meus filhos eu jamais vou mandar comer, eles comem que nem desesperados, justamente porque não são obrigados a comer, isso eu acho que é uma coisa muito boa! Na minha vida eu fiz, o meu curso primário com professores, quase particulares.

Edilza: Nasceu em Belém?

Édson Raymundo: Nasce em Belém, mesmo.

Edilza: Em que data?

Édson Raymundo: 05 de maio de 1937. É uma data boa, porque é dia da comunicação também, etc.

Edilza: Onde em que bairro de Belém que sua família viveu?

Édson Raymundo: A minha Família viveu inicialmente na Alcindo Cancela, depois na Oliveira Bela e Manuel Barata até o meu casamento, basicamente na Manuel Barata. Minha família meu pai e minha mãe eram relativamente modestos em termos financeiros. Minha mãe só tinha o curso primário, mas escrevia bastante bem, com uma letra legível, etc. Na hora de escolhe minha profissão, vocacionalmente eu queria fazer Direito, tem uma das coisas que eu amo na vida, é a liberdade!

Edilza: Onde o senhor fez o secundário, então?

Édson Raymundo: Eu fiz o ginásio, naquela época ginásio, no colégio Nazaré e o científico também no colégio Nazaré, mas fiz científico. Como eu fiz científico, eu me preparei muito para área engenharia, para não ter problemas. Muito embora, a minha vocação fosse Direito, eu queria fazer Direito, mas a minha mãe queria que eu fosse

medico, porque naquela época só era Dr. quem era medico e ela queria ter um filho doutor. Até o momento que eu tive coragem em dizer para ela que eu queria fazer Direito e ela aceitou, mas me fez um pedido. Nunca sejas partidário de nada, para não ter relação com política, militância política e eu fiz esta proposta para ela, eu fiz esta promessa para ela, e não fui! Até agora não tive nenhuma participação política mesmo, não sou avesso, mas não tive, procurei fugir de toda esta parte política. Fiz Direito, ao fazer Direito, eu fui sempre o primeiro lugar, ganhei dois prêmios, um prêmio do MEC e um prêmio da Livraria Martins que naquela época dava prêmio aqui, a livraria Martins era muito forte, era vinte mil reais em livros, eu fiz minha biblioteca muito baseado na livraria Martins e o prêmio do MEC era um prêmio pelo centenário de nascimento daquele que foi o nome da nossa turma, isso foi em 1959.

Edilza: Quem era?

Édson Raymundo: Estou querendo me lembrar, mas bateu um “**alzheimerzinho**”, por isso que eu dei um contorno ai para ver se me lembrava, Clóvis de **Vervirácula**, Clovis **Vervirácula** . E ai foi muito gostoso, o trabalho da nossa turma, nós raciocinamos que ele, Clóvis **Vervirácula**, varia cem anos no dia 04 de outubro de 1959. Fizemos uma caravana, fomos até o ministro da educação que na época era o ministro Clóvis Salgado e pedimos a ele que mudasse a data de colação de grau, porque naquela época o ministro que estabelecia a data de colação de grau, veja que loucura era isso, esta centralização brasileira.

Edilza: O senhor esta falando já da turma de direito?

Édson Raymundo: Tudo, tudo, era oito de dezembro, ele marcava a colação e acabou, oito de dezembro, mas pedimos para ele que para ser quatro de outubro, e fizemos uma proposta, no mês de julho nós teríamos aula de manhã e de tarde, então variamos no mês das férias dois meses, com isso antecipamos dois meses novembro e dezembro, outubro e novembro e colamos grau no dia quatro de outubro, saiu uma portaria designando essa data de quatro de outubro. E há 55 anos nós nos reunimos no dia 04 de outubro, essa turma realmente muito vibrante, nós éramos 63, hoje somos 18 sobreviventes.

Edilza: Mas essa turma que o senhor esta falando era de onde?

Édson Raymundo: Da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Pará.

Edilza: Em 1959?

Édson Raymundo: 59, mas há 55 anos que nós religiosamente nos reunimos para nos encontrar.

Edilza: Vocês atuaram naquela movimentação para a criação da UFPA?

Nem entanto, nem entanto, não posso lhe afirma disso, assim com muita ênfase. Eu gostava muito de frequentar a UAP, mas não tinha uma vinculação maior, reunião da UNE que houve aqui eu participei, inclusive ajudei muita gente a pedido já do Dr. Silveira, mas já era outra coisa, mas eu me formei em Direito, o meu primeiro caso foi homicídio, o segundo caso foi minha redenção, que foi ser advogado permanente do H externo de Joias, 157 lojas no Brasil, ele me pagava tudo. Meu escritório era no Palácio do Rádio e nós trabalhamos para ele e outras empresas, um dia nós ganhamos uma causa magnífica que nos deu bom dinheiro. Resolvemos sair até o Rio grande do Sul, conhecer Capital por Capital, quando chegamos aqui não tínhamos mais dinheiro, volta a trabalhar e voltamos a trabalhar.

Edilza: Quando o senhor diz voltamos, eu o senhor e quem?

Édson Raymundo: Francisco Gusman, mas em nosso escritório Alberto Campos depois fomos agregando outras pessoas, Eraldo Paredes e assim sucessivamente. Esse escritório nasceu no terceiro ano de Faculdade, porque eu tinha estagiado no primeiro ano com o Dr. Daniel e o segundo ano com o Otávio Mendonça, então tive uma experiência fantástica, dois grandíssimos amigos meus que realmente me ajudaram muito e que assinavam as petições que eu fazia. Era basicamente o Dr. Daniel que assinava, já era uma força para mim, ter uma assinatura de um neófito em um processo feito pelo Dr. Daniel. Foi quando eu fui diretor do Paes de Carvalho no período de Moura Carvalho, depois eu fui para a Universidade a convite do Dr. Silveira, o Dr. Silveira era um homem genial.

Edilza: Por que este convite, como é que foi esta relação?

Édson Raymundo: Não sei, não tinha amizade com o Dr. Silveira, não tinha formação política para isso, não tinha, fui convidada pelos nossos encontros, porque o Paes de Carvalho era um grande colégio, era realmente de grande nome. Então ser diretor do Paes de Carvalho era um cargo significativo, ai eu fui convidado pelo Dr. Silveira para ser assessor dele, ele queria que eu chegasse às seis horas da manhã que trabalhasse até às sete e meia, mais ou menos, depois poderia fazer o que eu quisesse, eu ia para o escritório e voltava às cinco horas tarde para apresentar tudo para ele tudo o que eu

tinha feito; tive grandes secretárias, uma delas foi Ieda **Shedan**, mas outras também; com isso eu ganhei a simpatia do Dr. Silveira; quando sou convidado pelo Jarbas Passarinho para ser secretário da educação.

Edilza: Não, vamos antes, o senhor foi consultor do Dr. Silveira?

Édson Raymundo: Assessor, a palavra seria assessor, não era bem consultor.

Edilza: O que o senhor lembrar-se disso?

Édson Raymundo: Muito ofício, eu produzia muito documento para ele, não produzir nenhum discurso para ele, porque também ele não fazia muito discurso, ele era muito seco nesta parte, mas ofício, requerimento, isso era eu que fazia.

Edilza: O senhor me diga, como ele percebeu março de 64?

Édson Raymundo: Olha o Dr. Silveira não teve grandes paixões nem pela a revolução e nem contra a revolução, ele não tinha paixão nisso, não tinha paixão, o problema dele era trabalhar, se tivesse um ofício com cinco cópias ele assinava originalmente as cinco cópias.

Edilza: Por que Dr. Édson Franco, nos jornais logo depois de março de 64, quem fala, digamos assim em nome da Universidade, ou quem assina as notas que estão publicadas nos jornais não é o Dr. Silveira, tem um jantar que Aurélio do Carmo mandar preparar com duzentos talheres, vou até ver na lista que o senhor está neste jantar.

Édson Raymundo: É capaz, porque Aurélio do Carmo era meu padrinho!

Edilza: Mas quem vai para o jantar pela a Universidade e o vice.

Édson Raymundo: Era o João Batista Cordeiro de Azevedo.

Edilza: Sim, eu queria saber o porquê desde recolhimento por certo tempo?

Édson Raymundo: Agora o Dr. Silveira era muito a redil a política, isso ele era.

Edilza: Mas já em 68, quando tem o decreto o AI5 em dezembro ele publica a nota apoiando o AI5 isso esta na Província do Pará.

Édson Raymundo: É, eu sei do seguinte que eu fui convidado para ser secretário da Educação em mil novecentos...

Edilza: Não, vamos falar um pouco da Universidade. Qual era a Universidade que o senhor encontra? Como era a Universidade?

Édson Raymundo: Olha a universidade era um arquipélago, está certo, tinha ilha para todos os lados. A Reforma Universitária tinha a intenção de centralidade

Edilza: Havia muitas disputas entre essas Faculdades ou não havia?

Édson Raymundo: De alguma maneira sim, mas era todo mundo com medo de perder o emprego pela fusão.

Edilza: Pela fusão?

Édson Raymundo: Isso atrapalha.

Edilza: Ai entramos, em outra questão, ai que tá, como era a contratação desses professores? Eu encontro muito assim, muitos professores dizendo que “eu já era da Faculdade de Química e quando veio para cá, não me incorporaram, meu nome não veio”, muitos processos, foi muito difícil essa junção Faculdades Particulares era faculdades isoladas pra Federal.

Édson Raymundo: Foi difícil, por exemplo, o caso da odontologia, que eu tinha alguns amigos da odontologia, já falecidos quase todos eles, mas eles emprestaram todos os seus equipamentos para botar lá na Batista Campos de caminhão quando veio o MEC para autorizar a Faculdade de Odontologia. Então aquilo eram deles, era propriedade, isso aconteceu em muitas Faculdades, na de Economia também aconteceu de algum modo, e na Faculdade de Direito há um recuo tanta na reforma universitária quanto na revolução.

Edilza: A Faculdade de Direito queria ser Federalizada?

Édson Raymundo: Acho que queria sim e a federalização dela foi boa, não vejo problema nenhum, acho que foi boa! Agora Faculdade de Direito era bastante conceituada, que dizer o quê, não era uma Faculdade de Direito, como por exemplo, a de Niterói que não era conceituada na época. Bom, eu fui designado, fui convidado pelo Jarbas Passarinho para ser secretário da Educação.

Edilza: Por quê? O que o senhor acha que levou Jarbas Passarinho a lhe convidar?

Édson Raymundo: Muita simples, ele era professor de inglês do colégio **Relbate**, o colégio **Rebalte** era na São Jerônimo, agora José Malcher e era do Barganha do Vizeu e companhia e eu era professor do Relbate de português, então todas as noites estávamos juntos português e inglês, eu e o Jarbas Passarinho. Quando ele foi nomeado governador, ele me disse eu quero que tu sejas meu secretário.

Edilza: Mas o senhor não fez nenhuma atuação junto com ele, por que naquele livro na Planície ele fala das ações que ele fez né, articulando o golpe né, o senhor não participou dessas ações?

Édson Raymundo: Não, não eu sei.

Edilza: Era pura amizade de professores?

Édson Raymundo: Era pura amizade de professor e eu era como advogado, eu era advogado de posseiros da Belém Brasília, ele sabia disso que eu era advogado mesmo, mas aí ele me convidou para ser o secretário de educação. Como secretário da educação, eu acho que tive uma atuação razoável, não diria excepcional, mas razoável, bastante razoável.

Edilza: Qual era o quadro da educação que vocês encontraram?

Édson Raymundo: Não tinha curso superior, esta certo, só tinha o Paes de Carvalho basicamente, o Magalhães Barata e nós conseguimos criar o Augusto Meira que foi assim um sucesso e alguns colégios no interior.

Edilza: Uma outra pergunta, por que esse grande colégio que era a grande obra na verdade do governo do Passarinho, é do primeiro do governo, ele só foi uma fez o governador, porque escolheu Augusto Meira, o nome?

Édson Raymundo: Não sei, não sei! Não sei te dizer o porquê. Eu sei que era considerado um negocio extraordinário e era um prédio construído para ser um hospital, então teve que botar muito carvão entre as lajes para não fazer barulho que era uma “confusão danada”. Bom, mas foi criado o Augusto Meira com algum sucesso. Eu consegui construir várias escolas com os americanos no interior do Pará e assim mesmo muito poucas, foram duas mil salas de aula, duas mil salas de aula no Pará não resolve coisa nenhuma, mas eu tive alguma atuação como secretário de educação. Nessa altura quando estava terminando o meu período de secretário, eu dizer ao Jarbas Passarinho que eu gostaria de ir para o Conselho Federal de Educação.

Edilza: Como Secretário de Educação, teve alguma, eu me lembro de uma portaria?

Édson Raymundo: Deixa eu te conta, não fala ainda de portaria! Deixa eu te conta uma de portaria que eu acho que é importante. Na secretária de Educação quando eu assumir, primeiro o ex-secretário era um homem extremamente meu amigo, ele foi jornalista, tu vai lembrar dele provavelmente e ele ficou até com alejão, Prado Costa, Benedito Celso de Prado Costa, o nome completo. Quando eu cheguei secretária eu descobrir que tinha muitas professoras nomeadas por portaria verbal, o que era portaria verbal? Ele chegava no interior, o governador, e precisava de uma escola, ele encontrava uma pessoa e chamava o coletor e dizia nomear essa portaria, essa professora para recebe como professora, mas não fazia ato, não tinha ato. Então eu achei que isso era um absurdo.

Ver como a gente é infante é jovem e faz tanta besteira na vida. Eu então resolvi demitir todas as professoras, fiz um decreto, meu negocio era fazer um decreto, por isso que agora eu riu desses caras que fazem um decreto a toda hora, eu fiz um decreto demitindo as professoras, mas tive a cautela de ir ao Pradua Costa que era consultor jurídico da secretária de educação. Pradua dei uma lida para mim, veja se tu acha que este decreto vai ficar bom, ele ficou. No dia seguinte ele veio comigo, “Édson não faça isso meu irmão”. Porquê? Porque isso é uma excecência jurídica, como? Eu me sentindo advogado, o cara que sabia fazer a lei, ect. Como? “Tu não pode demitir que não foi nomeado porra, acaba com este decreto, eu tosse outra minuta que eu acho que é melhor que essa, determinando que os coletores só paguem as professoras mediante a apresentação do decreto de nomeação, ponto esta resolvido o problema. Edilza tu não imagina o que foi uma dor de cabeça. Porque depois eu tive que fazer um concurso, vim para cá na universidade, me ajude, eu quero fazer um concurso, vocês são bons nisso, ect. Vim para a Universidade e conseguir fazer concurso, em Abaetetuba tinha 56 professora nomeada por portaria verbal, então 56 vagas, fiz o concurso e passaram mais de 56, nomear as 56 primeiras, depois disso levei uma saraivada de critica dos Deputados, mas era critica para todo o lado, aquele secretário de educação é doido, não sei o que mais. Como? Pequei um avião e fui lá em Abaetetuba, por que não esta funcionando as escolas se eu nomeei? Muito simples, não existia escola, a escola era na casa da professora, ora se é na casa cedida pela professora nomeada por portaria verbal, como é que ela cederia a casa dela pra outra? Não cedia, não tinha escola, tive que demitir nomeadas e contata por portaria real as anteriores donas das casas, assim foi em Abaetetuba. Então quando eu penso nisso, Edilza, eu fico rindo de mim mesmo, porque são coisas que a gente faz na juventude sem saber das consequências.

Edilza: Então não existia escola no interior?

Édson Raymundo: Não, não existia!

Edilza: Nem aquela de primeira a quarta?

Édson Raymundo: Nada, coisa nenhuma. Olha em São Francisco do Pará eu me lembro que tinha uma escola no açougue, no açougue tinha a mesa de corta a carne do lado tinha uma coisinha assim, um promontoriozinho colocado 12 cadeiras e era uma escola, São Francisco do Pará, aqui junto, que dizer, não é longe coisa próxima da cidade, da capital.

Edilza: Mesmo na capital a rede de escola do ensino médio era muito pouca?

Édson Raymundo: Muito pouca. Muito pouca!

Edilza: Só Magalhaes Barata, Souza Frango?

Édson Raymundo: Souza Frango, Augusto Meira, Paes de Carvalho.

Edilza: Não Augusto Meira vem depois, Paes de Carvalho, Souza Frango, o resto era particular, era Gentil, Nazaré, Do Carmo?

Édson Raymundo: São vários dessa natureza que hoje não estão muito bem também, o Do Carmo estar em uma situação bem difícil e também não têm crianças ai, o problema da arefação. Bom da secretária da Educação eu fui ao MEC, fui ao MEC e lá...

Edilza: A convite de quem?

Édson Raymundo: Não, eu pedir para Jarbas Passarinho que eu queria ir para o Conselho Federal de Educação. Então ele escreveu para o presidente Castelo, como eu era o único do Pará, eu fui nomeado; fui nomeado e fui tomar posse lá; fui tomar posse e ir... Comecei a trabalhar no Conselho; era meu vizinho de cadeira o professor Raymundo Muniz de Aragão, Raymundo Muniz de Aragão, ele me convidou logo depois para ser diretor do departamento nacional de educação. Que era um órgão que ele gostaria de extinguir por causa da reforma estrutural do ministério da educação.

Edilza: Voltamos aqui; que o governo, os governos militares começam realmente a tentar fazer uma reforma, o senhor estava no MEC né? No caso o senhor estava no Conselho?

Édson Raymundo: Nessa época, vou lhe dizer que estamos falando de 1966, mais ou menos. Bom os estudos da reforma começaram a ser feitos. Eu não participei dos estudos, sabia "por porta de travessa", porque era uma comissão especial para isso, Valmir Chagas, Wilton Sucupira e outros grandes "luminárias" da educação, Carlos Pasquale e companhia. E eu continuava no Conselho Federal de Educação e nesse departamento em extinção que era o departamento nacional de educação, que deveria ser transformado em secretária geral do ministério da educação e acabou se transformando mesmo. Bom nesse departamento eu fiquei mais ou menos um ano até a extinção. A reforma saiu, saiu mal feita, porque teve logo seguida de fazer outro decreto

de lei que é o 242, ect... aqueles decretos, a 546 é posterior. Então saiu a reforma e muita reação a reforma universitária porque a aspiração da reforma universitária ela de concentração.

Edilza: Que do professor no sentido?

Édson Raymundo: No sentido de você juntar todas as licenciaturas num bloco só e assim sucessivamente então houve muita reação. Medina e direito fizeram boa reação, mas houve outros que não fizeram tanta reação, tanta reação. E dava para juntar administração, economia, alguns deles dava para juntar, mas a forma de juntar não era boa, especialmente com a história da criação dos departamentos, que a essência da reforma universitária tava no departamentos, a sede do conhecimento era o departamento e isso não funcionou, eu penso que não funcionou, tanto que...

Edilza: Mas isso já não era uma proposta também de reorganizar em departamentos do Darcy Ribeiro lá na UNB; então nessa reforma do governo, dos governos militares pensam em algumas ideias anterior.

Édson Raymundo: Algumas ideias, o Darcy Ribeiro pensará, mas... Do Rodolfo Action, por exemplo, que era um cara do ministério do governo americano, tanto é que ele foi muito auxiliar. E o conselho dos reitores, por exemplo, eu me lembro que no sábado, nós fizemos o estatuto do conselho dos reitores, e como eu sou bom datilografo, agora digitador, porque da datilografia não existe mais, mas na época era datilografo; eu que fiz o estatuto do conselho dos reitores das universidades brasileiras, e saiu e saiu. Bom 1.969 1.969, 69? foi, é. Houve a história da mudança de reitor para Aloysio Chaves aqui. Nomeado Aloysio Chaves ele me procurou no MEC eu era o secretário geral do MEC, ai eu já era secretário geral do MEC, me procurou, me convidando para ser o vice dele, ele queria que eu fosse vice -reitor da federal.

Edilza: Aloísio Chaves?

Édson Raymundo: Aloísio Chaves, mas eu tinha um convite do Vitor Trigue que lá de São Paulo da Editora Abril, pra ser diretor do departamento de educação da abril

cultural. Eu disse para ele olhar mestre muito obrigado, mas eu vou para São Paulo eu vou para São Paulo, e 1969 eu fui para São Paulo.

Edilza: Um pouquinho antes! O quê o senhor pode nos dizer por que o doutor Silveira é; na verdade a gente lendo às atas do conselho do conselho universitário a gente percebe uma polarização muito forte de medicina e direito (muito forte), direito sempre votava contra as proposições, ou quase sempre, sempre é uma palavra muito forte, mas quase sempre, ou apresentava outra proposta ou se abstinham em relação as propostas do doutor Silveira dentro do conselho, o que o senhor pode nos dizer disso? Da onde vem essa? Ou só era disputa pela reitoria?

Édson Raymundo: Não, não, não, eu acho que era um pouco, até por uma pretensão dos de medicina serem juristas, transformado e jurista e isso dava raiva, mas o grupo do doutor Silveira, eu me lembro bem, era João Batista um grande amigo meu, me lembro do com o Clodoaldo Beckman, me lembro do Paulo?lá do laboratório (Paulo Azevedo)Paula Azevedo que era pessoas que estavam muito próxima, Domingos Silva essa gente toda, estava muito próxima. O pessoal do direito era muito arredo e nem iam quase a reitoria e o doutor Aloísio imprimiu uma reitoria bastante diferente da doutor Silveira, bastante diferente.

Edilza: Ainda quero falar da reitoria do Silveira, houve a inauguração do campo pioneiro do Guamá em agosto de 1968, e teve a vinda do então presidente Costa e Silva, veio o ministro da educação que era Tarso Dutra, eles vem também com outros ministros.Eles chegam e a universidades estãoocupados aqui, houve uma reunião inclusive do presidente com o representante das Faculdades, os estudantes entregaram um documento e depois houve uma outra reunião do ministro com os estudantes segundo relatos da imprensa e das memórias deles, este segundo encontro que já era para debater a proposta, foi até filmando e transmitido no programa de televisão que era tv Guajará. Eu queria que o senhor me contasse isso, porque o seu nome também aparece, da inauguração do no campo, da vinda, da ocupação das universidades pelos estudantes?

Édson Raymundo: Eu estava muito ligado Alex Turenco Junior, e o Alex tinha, uma certa força com os estudantes, e é uma liderança o Alex sem dúvida, então, depois nós brincávamos que o Alex Turenco era o olho de Moscou dentro da Universidade, por causa do setor Econ, etc. Combinamos de trazer os estudantes para a inauguração do Campo do Guamá, tomamos um ônibus, que comandava este ônibus era o coronel Carlos Pasquale que até hoje ainda está vivo em Brasília que foi secretário geral também lá do MEC. E nós torcemos os estudantes, aqui na entrada do campo foi impedido que o ônibus passasse, porque imaginavam que os estudantes vinham fazer qualquer arruaça, não era não, era para os estudantes ter contato com o ministro e com presidente o que ocorreu mesmo, depois ocorreu, então conseguimos entrar, foi feito isso. E até hoje eu me encontro mensalmente com o coronel Carlos Pasquale em Brasília, porque ele almoça no mesmo restaurante que eu almoço. Então a gente se fala de vez em quando e ele recorda desse episódio, deste episódio de Belém. E o doutor Silveira era considerado na época uma figura muito dura (não negociador) não negociador! E o ministro Tarso Dutra era um negociador, muito negociador, sempre foi, e o presidente Costa e Silva na autoridade dele não precisava ser um negociador, mas precisava ter um interlocutor que era Tarso Dutra e assim foi feito e acalmou os estudantes.

Edilza: E a morte do Édson Luiz, que é no primeiro semestre de 68, que é um estudante paraense, você estava no MEC, como você pode lembrar de alguma coisa das passeatas dos Cem Mil, das grandes manifestações no Rio de Janeiro do Brasil inteiro que é 68?

Édson Raymundo: Deixa eu te dizer o seguinte, como secretário geral eu era homem tratador das finanças do MEC, este era o meu papel. (em 68 tu estás neste papel?), sempre foi neste papel lá! Então eu não tinha contato com essas arruaças, eu sabia! Mas elas nunca chegavam a mim.

Edilza: Nem lá no MEC, tu não lembras como esse pessoal se comportou com isso?

Édson Raymundo: Não, não! Nunca chegava! Chegavam os acontecimentos, mas alguma interlocução não tive, não tenho lembrança de nenhum estudante que tenha me procurado, até porque eles sabiam qual era, acho que sabiam a minha função. Na minha função eu tive muitos encontros com o ministério do planejamento, com o ministro

Roberto Campos, (Então, a universidade recebeu muito recursos né),deixa eu chegar neste pontonão sou **excke-péem** finanças, não sou, se não estava pobre como eu estou, vendendo as coisas, o problema é que eu gosto de trabalhar com isso!Eu imaginei o seguinte ministro Campos, nós entregamos café para leste europeu, invés de eles nos pagarem, porque eles não nos dão equipamentos importantes para as universidades e nós reequiparemos todas as universidades possíveis. Ele foi lá estudou, ect.; Arlindo Corrêa estudou,Joao Paulo dos Reis Veloso estudou que era assessor nessa época do Roberto Campos, ai aprovaram, este projeto, e nós passamos a negociar com os embaixadores e representantes comerciais dos países do Leste Europeu, olha foi um sucesso extraordinário, mas ele também fez muita besteira! Deixa,eu te contra uma; eu assinei um documento para importação do Leste Europeu de dois planetário para a mesma universidade a universidade de Santa Maria, já pensante o que era isso? Se um já é grande, dois pior ainda! Eu assinei para o Mariano da Rocha, eu assinei uma aquisição de agulhas de injeção, agulhas de hipoderme, não me lembro a quantidade, mas era um horror, porque as universidades de alguma maneira exploraram um pouco essas requisições, que eram gratuitas, mas nós reequipamos as universidades.

Edilza: E aqui na Universidade Federal do Pará?

Édson Raymundo: Muitas coisas foram feitas.

Edilza: Muitos recursos, o campo foi criado né?

Édson Raymundo: É muitos recursos foi repassado para cá na universidade e o ministro Tarso Dutra, ele era um sujeito muito interessante! A minha lembrança dele é uma lembrança assim, que dá vontade de rir em alguns momentos. Eu me lembro que uma universidade tinha lá X milhões no orçamento, ai ele me chamou para a gente discutir o orçamento na casa dele lá na Lagoa Rodrigues de Feitas na casa dele, ele me chamou e disse professor queria lhe fazer um pedido, pois não o senhor manda ministro, claro ministro é ministro!Tire 16 milhões dessa universidade e passe para Santa Maria o Marianinho, era o Mariano da Rocha, o Marianinho ele precisa de dinheiro professor, ele precisa construir a universidade. Lá eu peguei os 16 milhões e troquei, fui no ministério do planejamento e fia a troca, tudo ok, no ano seguinte o senhor coloca os 16 milhões de volta, mas o Mariano já teria construindo, no ano seguinte eu peguei os 16

milhões do Mariano e passei para a universidade e não disse nada para ele ficou por isso, aí um pouco mais o Arlindo Lopes me chamou e disse professor o ministro veio aqui e mudou o orçamento que o senhor fez, onde ele mudou? Olhe ele, deixa eu olhar, ele tirou esse 16 milhões que o senhor colocou aqui e voltou para Santa Maria, portanto já era 32 para Santa Maria.

Edilza: Santa Maria era a cidade dele?

Édson Raymundo: Era o redutor dele, tu não imaginar como ele andava com o bolso cheio de pedido de bolsa estudo, era uma coisa! Aí eu disse vamos tirar de novo, ele me chamou não professor o senhor não imagina como o Mariano é pobrezinho, pobrezinho, que graça, mas na medida em que eu colocava dinheiro para Santa Maria, eu também tirava alguma coisa das grandes universidades e colocava para cá, porque eu achava que isso aqui precisava e foi assim que o campo foi construindo, basicamente, pelo menos esta aí nesta linha.

Edilza: Não tinha um critério então definido?

Édson Raymundo: Não tinha muito critério.

Edilza: Era de ação política?

Édson Raymundo: Ação política, a luta política era muito grande, isso fez com que várias coisas acontecesse, eu vou lhe dá um exemplo do Tarso Dutra, para tu ficares bem consciente dele e sentires com é que era o homem! Era preciso comprar o prédio da Faculdade de Filosofia da Federal do Rio de Janeiro e havia um prédio muito bom; que era sede da embaixada de Portugal, cabia lá pelas instalações a Faculdade de Filosofia.

Edilza: Onde é hoje então?

Édson Raymundo: Onde é hoje, bom aí foi feito a negociação, se eu não estou enganadoo valor era de 4 milhões, não me pergunta qual era a moeda que nessa altura eu não sei qual era a moeda, era 4 milhões, então tivemos uma reunião, o presidente Castelo Branco, o ministro Tarso Dutra e eu, para pagar dois milhões para a embaixada de Portugal e os outros 2 milhões no ano seguinte, bom tudo bem! Quando chegou o ano seguinte botei no orçamento os 2 milhões, ele era atentíssimo no orçamento, ele me

chamou, professor o que são esses 2 milhões, aquele compromisso que o senhor... e o Castelo Branco já tinha morrido, ele morreu logo depois, lembra disso. Ai ele disse assim, não precisa pagar a embaixada Portugal tem muito dinheiro, fique tranquilo, tire e bote para tal lugar e botou para outro lugar, não me lembro qual era o lugar, ficou por isso. Dai um pouco vem uma visita do Marcelo Caetano da embaixada de Portugal, de

Portugal para o presidente vim visitar o Brasil e precisava bota o dinheiro. Era o governador de lá, é rápido que termino, era governador Negrão de Lima do Rio de Janeiro e era uma triangular com Negrão de Lima. Então o Negrão de Lima me ligou professor me diga uma coisa, você se lembrar debito de dois milhões com a embaixada de Portugal? Sei, mas vem o Marcelo Caetano e “eu vou fica em altas”, porque sou parte desse negocio, não governador eu vou providencia; bom fiz uma emenda lá de 2 milhões; ai um pouco eu estou no Conselho Federal de Educação, sou chamado pelo telefone para o senhor vim aqui com o ministério Tarso Dutra, ai eu desce, quando eu entrei no gabinete, Edilza o ambiente estava com uma porção de militares, desses com alamares essas coisas douradas essas coisas toda, eu disse tem gente importante aqui, ai eu entrei, quando eu entrei Tarso Dutra olhou para mim e disse assim, professor como é que o senhor faz uma coisa dessa com o governador Negrão de Lima. Tinha que pagar 2 milhões pra a embaixada de Portugal e o senhor retirou do orçamento, não ministro, eu fiquei assim, eu digo se ele estar mentido ou não digo, fiquei na dúvida, ai eu disse pode ficar tranquilo, eu vou subir e eu reponho, subir, Edilza com uma raiva desesperada desse ministro eu era secretário geral dele, fui para a minha maquina com uma letra 32 que até hoje eu mantenho comigo e fiz uma exposição tocando 2 milhões não sei de quem para embaixada de Portugal. Ai quando eu vou saindo para ir lá bater o documento, ele disse professor faça uma gentileza leve o governador Negrão de Lima até lá embaixo pra a nossa homenagem, levei o Negrão de Lima olhou para mim, seu “sacana”, como é que o senhor tira o dinheiro que eu tenho que pagar para embaixada de Portugal, ele pensava que era eu o negocio, fique tranquilo. Quando eu cheguei com a minuta da alteração orçamentária, eu dei para ele, ele me disse o quê que é isso, que o senhor disse que resolveu pagar a embaixada de Portugal, não professor, capaz do Marcelo Caetano não vim não, deixe comigo aqui, ele saiu do MEC e não pagou os dois milhões pra embaixada de Portugal, porque ele era, assim para pagar, só pagava os

atendidos políticos. Quem pagou? O Jarbas Passarinho que lhe sucedeu no Ministério da Educação.

Edilza: Como é que o senhor viu essa discursão da reforma universitária nas universidades, todas?

Édson Raymundo: Olha nas universidades todas, eu vir como, eu pensava num avanço, sem dúvida nenhuma, mas o avanço não ocorreu, porque os cursos continuaram precisar de coordenador para tornar executivos os cursos e os departamentos eram um misto de vários cursos. Tu lembra disso né? Por exemplo, a física era lecionada na engenharia, física na química, assim sucessivamente.

Edilza: E o problema do pessoal? Como foi ressorvido, tinha que fazer concurso a partir da reforma?

Édson Raymundo: Tinha que fazer concurso; a partir da reforma; mas havia essa exigência que hoje se faz dos mestrado e doutorados, não havia isso, isso é mais recente, isso já é de agora. Agora essa exigência nem sempre tem resultados alguma coisa muito positiva. Claro que, só a graduação não basta, mas muitas vezes o mestrado e doutorado são muito...

Edilza: Nas suas avaliações a reforma foi boa? E você caracteriza essas grandes mudanças que a reforma fez, qual o balanço que o senhor faz?

Édson Raymundo: O balanço que eu faço, é que a reforma funcionou de certa maneira, ampliou o número de alunos, ampliou o número de vagas, mas não aconteceu a melhoria intrínseca da qualidade a partir dos departamentos.

Edilza: O que faltou então?

Édson Raymundo: Espírito de criação, espírito de criação, quer dizer, na medida em que o financiamento da pesquisa etc... Não é feito pelo ministério da educação é feito pelo ministério da ciência e tecnologia, então isso faz com que não se atente para a real produção. E hoje a produção, Edilza não sei se tu reparas, mas a produção é feita pelo número de artigo que você publica, nem sempre você publica artigo de qualidade, publicar, mas não artigo de qualidade, então a criatividade nas universidades, no meu

entendimento ela vai depende muito das patentes que as universidades criam, tem que caminhar nessa linha de engrandecimento número de patentes que a universidades produzam.

Edilza: Outra coisa é quer os militares criaram muitas universidades em Minas Gerais, no Rio de Janeiro mesmo, no Rio Grande do Sul, aqui só ficou a Universidade Federal do Pará e a UFRA, havia uma discursão sobre isso, em Macapá só foi ter nos anos 80,isso era uma negociação política?

Édson Raymundo: De alguma maneira era, mas muito pouca, nota-se o seguinte as próprias universidades criadas no Pará além da Federal, elas não são grandes instituições ainda,não são grandes instituições! Uma coisa que me alegrar, por exemplo,é ver que a UEPA esta crescendo, mas crescendo no sentido de oferta de curso, mas que a UFOPA e a UFRA mesmo. A UFRA se concentrou na área agrária e nela está praticamente toda a sua produção, muito embora sejamuito boa, a UFRA indiscutivelmente uma boa universidade. Agora o quê se faz para realmente fazer uma universidade ser altamente recompensada? É patente, é por ai o caminho, isso é difícil, isso precisa de um Reitor que seja realmente empenhado nessa luta para o crescimento.Eu estou agora participando de uma comissão, vamos ter uma reunião hoje a tarde ainda, sobre os 400 anos de Belém, eu vou pensar na área da educação.

Edilza: Essa comissão é da prefeitura?

Édson Raymundo: É da prefeitura, se nós não conseguimos melhorar o patamardas nossas escolas no sentido das avaliações que estão sendo feitas o quê que vamos dizer nos 400 anos. Agora percebemos o seguinte,a FIFA esta ai os clubes que estão disputando as vagas nas semifinais e finais sãoclubes da pesada.

Edilza: Vamos voltar para os anos 60!

Édson Raymundo: Ok!

Edilza: Mas o senhor acha então que a reforma implantada no início dos anos 70, o que ela torce de bom, do ponto de vista de aprofundar o conhecimento de nossa região?

Édson Raymundo: Eu acho que foi muito pouca.

Edilza: O senhor acha que houve só uma ampliação quantitativa de novas vagas?

Édson Raymundo: Quantitativa de novas vagas, ect. O que me espanta mais, por exemplo, essa forma do ministério da educação de expansão dos institutos federais, a qualidade deles caiu vertiginosamente, tá na cara, mas eles expandiram (Isso hoje?) hoje.

Edilza: Como o MEC via houve essa discursão das escolas técnicas, que as escolas técnicas também foi uma criação anterior a “revolução”?

Édson Raymundo: Anterior a revolução e tudo, mas boa.

Edilza: Mas houve uma expansão já nos governos militares?

Édson Raymundo: É, mas a expansão não foi tão violenta, foi muito moderada, nas escolas técnicas foi muito moderada. Agora um embrolho que não se resolveu ainda, em qualquer reforma, nem no plano educacional agora, não se resolveu. É a questão do ensino médio, o quê que ele é? Para a família ele é o preparatório da universidade para a sociedade ele não é nada. Essa é a história, então como resolver este embrolho, não se resolveu até agora. Eu vejo dessa forma.

Edilza: Ai o senhor fica lá no MEC até quando neste cargo de Secretário?

Édson Raymundo: Lá eu fico até 1979.

Edilza: 79?

Édson Raymundo: 79

Edilza: Passou os anos 70 no mesmo cargo?

Não 66 a 79

Edilza: tudo como secretário geral?

Dois anos e meio como secretário geral do MEC e um ano no departamento nacional da educação.

Edilza: Então não foi 79, o senhor foi quando para lá?

Édson Raymundo: Fui em 67 até 69, não 79, então eu saí e vou para abril cultural. Em 74 saio da abril cultural e venho para Belém.

Edilza: E o AI5, o que o senhor me lembrar, foi dezembro de 68?

Édson Raymundo: Perguntaram para o “Tarso”, o Tancredo Neves, como é que o senhor recebeu a notícia da revolução. E ele disse por fax e eu diria como foi o AI5, foi uma graça. Graça no sentido do que aconteceu na minha presença, as rádios noticiaram o AI5 era por volta de uma 5 horas da tarde. Jarbas Passarinho era Governador, general Ferreira Coelho era secretário, não (Jarbas Passarinho não era governador era ministro do trabalho). Quando nós ouvimos a notícia nacional foi pelo rádio. Eu me lembro bem, ele ouvindo rádio, há vamos continuar, e continuamos trabalhando (ele o senhor no MEC). No MEC e continuamos trabalhando, continuamos trabalhando, porque não teve, digamos assim, repercussão pra ele em si. Em termos de cassações, eu te confesso, que a única que eu vir quiete notícia, Orlando Sampaio Silva, essa eu me lembro bem que tive notícia e com tristeza dele, porque ele não tinha muita vocação para o negócio da cassação não, eu sinto isso, não tinha mesmo!

Edilza: Foram cassados ele, o Rui Barata, Camilo DeoDurque, fevereiro de 69, o InricheCaioKaiate e aquele que foi do PSB o deputado Cléo Bernardo.

Édson Raymundo: Cléo Bernardo teve mais, além desses daí que tu citaste.

Edilza: Não como os que eram vinculados a universidade?

Édson Raymundo: Ata, ok! Mas o Orlando Sampaio Silva era professor de Sociologia (Isso, isso). O Camilo Montenegro Duarte, já tinha a Escola de Arquitetura o Camilo era professor da arquitetura.